



O FEMINISMO NA LUTA CONTRA O PATRIARCADO EM *ENTRE A ESPADA E A ROSA*, DE MARINA COLASANTI

Narjara Maria Paixão Aragão¹

Ivanildo José da Silva²

Resumo

Este artigo pretende discutir as complexas relações de poder entre homens e mulheres, especialmente sob a lente do patriarcado e do feminismo representados no conto *Entre a espada e a rosa*, de Marina Colasanti, destacando a luta das mulheres por liberdade e autonomia dentro de estruturas opressoras. Questiona-se as noções tradicionais de masculinidade e feminilidade, ressaltando como essas construções sociais limitam a liberdade das mulheres. Na análise da personagem colasantiana, que simboliza a força e a determinação das mulheres ao confrontar as normas de gênero e a busca de autonomia. Abordaremos a relevância do feminismo como um instrumento de resistência e empoderamento, que inspira as mulheres a desafiar as hierarquias de poder estabelecidas. Para tanto, realiza-se uma abordagem teórica, partindo da perspectiva de Antonio Candido (2004), Elizabeth Grosz (2000), Marisa Lajolo (2001), Carla Garcia (2018), dentre outros.

Palavras-chave: Feminismo. Patriarcado. Marina Colasanti.

Abstract

This article aims to discuss the complex power relations between men and women, especially through the lens of patriarchy and feminism represented in *Between the Sword and the Rose* by Marina Colasanti, highlighting women's struggle for freedom and autonomy within oppressive structures. It questions the traditional notions of masculinity and femininity, highlighting how these social constructions limit women's freedom. For this reason, a brief theoretical approach is carried out, starting from the theory of Antonio Candido (2004), Elizabeth Grosz (2000), Marisa Lajolo (2001), Carla Garcia (2018) among others. In the analysis of the colasantiana personality, which symbolizes the force and determination of women to confront gender norms and seek their autonomy, we will address the relevance of feminism as an instrument of resistance and empowerment, which inspires women to challenge the established hierarchies of power.

Keywords: Feminism, Patriarchy, Marina Colasanti..

¹ Acadêmica do oitavo semestre de Letras/Português - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

² Doutor em Letras pela Unesp/Ibilce. Orientador. Docente do curso de Letras - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Coxim.

Introdução

*Que nada nos defina, que nada nos
sujeite. Que a liberdade noseja a nossa
própria substância, já que viver é ser
livre.*

Simone de Beauvoir

A literatura é uma fonte valiosa para a compreensão de aspectos históricos e culturais da sociedade. Por essa perspectiva é que o conto *Entre a Espada e Rosa*, de Marina Colasanti, apresenta-se como a resistência feminina e a busca pela identidade ao desafiar as relações de poder e gênero. A análise feminista ajuda a interpretar os mitos presentes nos contos de fadas como uma maneira de questionar o sistema patriarcal. Colasanti utiliza a metáfora da espada e da rosa para simbolizar a contrariedade e a complexidade da literatura. A espada representa a força, a violência e a luta, a opressão, enquanto a rosa simboliza a delicadeza, a beleza, a vulnerabilidade. A dualidade desses símbolos pode ser interpretada como uma crítica à forma como o patriarcado impõe suas normas, desvalorizando o feminino e exaltando o masculino.

Entre outras questões, o artigo discorre sobre o movimento feminista no Brasil que luta contra as estruturas patriarcais na defesa dos direitos das mulheres. Colasanti escreveu *Entre a Espada e a Rosa* sob o prisma das relações de poder e luta de gênero, na busca pela independência feminina. Nesse sentido, a teoria feminista ajuda a compreender a história das mulheres na luta por direitos iguais. Aborda também a História e a Literatura como documento de escuta para apreender o passado e construir o conhecimento histórico acerca da (in)visibilidade das mulheres ao entender que a literatura reflete a sociedade e oferece uma percepção sobre cultura, costumes, relações sociais e a mentalidade de uma época, dado que a literatura, embora seja uma criação artística, revela a essência das *personas* e transforma a realidade. Ao analisar a personagem protagonista do conto, numa observação intrínseca, vê-se que a princesa se transforma em um cavaleiro para fugir das expectativas masculinas. Ela encontra coragem para revelar sua verdadeira identidade e ser a heroína de sua vida ao enfrentar desafios. Ademais, Colasanti explana sobre contos de fadas antigos e mostra como a escrita das mulheres é importante. A autora descreve como as mulheres são tratadas na sociedade e como precisam mudar seus papéis e expectativas.

Na esteira de tal pensamento, a crítica feminista mostra a importância de questionar e reinventar a realidade, oferecendo novas possibilidades para as mulheres se expressarem de forma

autêntica. Além do mais, o estudo deste conto evidencia a maneira como a personagem principal desafia as convenções sociais do seu tempo e torna-se a heroína da própria história. Sendo assim, estudar literatura é essencial para compreender não apenas as obras em si, mas também a sociedade e a cultura em que elas foram criadas. A literatura nos oferece uma nova perspectiva, permitindo que a integremos em nossas vidas e reconheçamos sua relevância contemporânea, além de sua história. Ao nos aprofundarmos na literatura, conseguimos entender melhor as dinâmicas e os valores de épocas passadas. A análise de textos dentro de seus contextos desenvolve nossa capacidade crítica e nos ajuda a captar as sutilezas da linguagem e significado. Além disso, a literatura aborda temas que são atemporais e universais, explorando identidades individuais e coletivas e promovendo a empatia a respeito de questões como raça, gênero e classe social. Ao nos engajarmos com a literatura, aprimoramos nossas habilidades linguísticas, enriquecendo nosso vocabulário e nossa capacidade de comunicação. A literatura também estimula nossa criatividade, incentivando a exploração artística e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e socialmente engajados.

Entre a Espada e a Rosa, escrito na década de 80, mostra como a literatura brasileira é complexa e rica. A obra de Colasanti permite entender melhor a história e a pensar sobre questões que são importantes hodiernamente, como a busca pela própria identidade, desigualdade de gênero e relações de poder.

1. Desafios e conquistas: o feminismo na luta contra o patriarcado

O Feminismo no Brasil possui raízes profundas na luta das mulheres por igualdade de direitos, autonomia e reconhecimento. Desde as primeiras manifestações feministas no século XIX, as mulheres têm se empenhado em enfrentar as estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade de gênero.

O patriarcado é um sistema social que se funda na supremacia masculina, manifestando-se em várias esferas da sociedade, incluindo política, economia, cultura e relações interpessoais. No Brasil, o patriarcado evidencia-se de diversas maneiras, como na persistente violência contra as mulheres, na disparidade salarial, na restrição do acesso a cargos de liderança para mulheres, além da objetificação de seus corpos.

No conto *Entre a espada e a rosa*, o corpo da princesa desempenha um papel importante na busca por sua libertação, evidenciando a relação entre corpo e mente. Ao contrário dos contos tradicionais, que frequentemente apresentam elementos mágicos ou personagens encantados para resgatar a princesa em apuros, na narrativa de Colasanti é o próprio corpo feminino que proporciona a força necessária para superar os desafios. Neste contexto, a mulher não é reduzida à sensualidade nem transformada em um mero objeto de desejo ou reprodutivo.

Elizabeth Grosz (2000), em sua obra *Corpos reconfigurados*, analisa a conexão entre feminismo e corpo, ressaltando como o pensamento misógino vinculou historicamente as mulheres a corpos frágeis e imperfeitos, o que serviu para justificar sua posição social subordinada. Há uma tendência de caracterizar as mulheres com uma especificidade corporal que as faz parecer mais vulneráveis e menos capazes em comparação aos homens, restringindo seus papéis sociais em função de supostas diferenças biológicas, como nos brinda Beauvoir ao dizer que “ A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la.” (BEAUVOIR, 2016, p.31). As feministas têm se oposto a essas ideias, buscando definir as mulheres por meio de categorias não corporais, visando igualdade em termos intelectuais e conceituais. Nos tempos recentes, o movimento tem explorado novas maneiras de entender e representar os corpos femininos, encontrando apoio em filósofos que sugerem abordagens alternativas para compreender a singularidade dos corpos e subjetividades das mulheres. Como se sabe, existem diversas correntes dentro do feminismo sobre a questão do corpo, cada uma

trazendo perspectivas distintas e potencial para reimaginar a constituição física além das visões patriarcais e racistas.

Tais perspectivas, propõem desconstruir as hierarquias patriarcais, denunciando as opressões e as desigualdades enfrentadas pelas mulheres enquanto lutam por transformações que assegurem a igualdade de gênero. Sojourner Truth aborda essa questão em seu discurso de maio de 1851, quando afirma: *"Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher?"*

Essa fala levanta uma reflexão importante: as diferenças biológicas entre homens e mulheres eram enfatizadas apenas nas classes médias e altas? Afinal, para mulheres nascidas em condições de escravidão ou pobreza, o trabalho nos campos, plantações e outras atividades, essas mulheres trabalhavam de forma braçal tanto como os homens. Nesse sentido, a Literatura que, além de seu valor estético, viabiliza na obra uma leitura complexa da realidade social vivida, a princesa está inserida nessa sociedade que aprisiona e classifica as pessoas, é o próprio corpo feminino que proporciona a força necessária para superar os desafios.

Sob esse viés, segundo Colasanti, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Esse excerto nos remete ao livro *A dominação masculina* de Pierre de Bourdieu (2017, p.136), que conforme Bourdieu, as mulheres eram tratadas como meio de troca, permitindo aos homens (no caso aqui da narrativa, o pai) acumular capital social e capital simbólico através de casamento – verdadeiro investimento que iria permitir ao pai alianças mais ou menos amplas e prestigiosas.

No Brasil, o feminismo desempenhou e desempenha um papel crucial na conquista de direitos, como a obtenção do voto, a criminalização da violência doméstica e a ampliação do acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Mesmo diante dos avanços obtidos, a causa feminista no Brasil permanece crucial por desafiar as estruturas patriarcais e garantir que todas as mulheres tenham acesso igualitário a direitos e oportunidades. É vital que teorias feministas continuem a ser discutidas e divulgadas, possibilitando que estas mulheres ampliem seu espaço e autonomia na sociedade. Elas não buscam substituir os homens, mas sim reivindicar seus direitos no contexto social. No entanto, essa intenção, frequentemente, é vista de formas distintas em virtude do machismo que ainda está profundamente entranhado e precisa ser enfrentado.

2. Desconstruindo e reconstruindo o poder da escrita feminina

De acordo com a crítica, Colasanti revisita os clássicos contos de fadas com uma visão crítica e reflexiva, alternando entre aproximações e distanciamentos em relação aos mitos, à luz da consciência contemporânea. Essa perspectiva possibilita a criação de uma personagem feminina que desafia as normas dominantes, revitalizando o gênero dos contos de fadas atuais. A reinterpretação dos mitos presentes na narrativa é destacada como uma maneira de garantir sua perenidade. Ademais, a crítica também sublinha como o conto apoia as observações de Simone de Beauvoir sobre a posição da mulher, tratada mais como um objeto do que como um ser individual. Ao longo dos anos os contos sofreram transformações e assim também as conquistas femininas, a mulher passou da condição de submissa, obediente e sem instrução para lutar pelos seus direitos diante de uma atitude libertária.

Cinthia Freitas de Souza (2016) argumenta que a escrita de Colasanti é marcada pela crítica feminista ao sistema patriarcal e faz uso da teoria feminista e de gênero, da psicologia social e dos estudos referentes aos símbolos para compreender como as figuras femininas usam estratégias para desvencilharem seus destinos da expectativa que o patriarcado impõe a elas como único caminho.

Esses símbolos estão presentes no processo pelo qual passam as protagonistas até rejeitarem padrões e papéis sociais e, conseqüentemente, as representações associadas a essas funções, quando fazem escolhas que contrariam as expectativas culturais e superam a submissão. (SOUZA, 2016, p.13)

A crítica literária feminista tem desempenhado um papel fundamental ao questionar as imagens, os papéis e as expectativas atribuídas às personagens femininas, conforme destaca Mariana Elizabeth Ceris Burtet Gudino (2024). Ela observa que essas representações eram utilizadas para instruir as leitoras e ouvintes sobre o que deveriam performar e o que se esperava delas. A partir dessa crítica e da escrita de autoria feminina, a realidade foi não apenas questionada, mas também reinventada, permitindo a forja de novos caminhos possíveis para a mulher. Essa abordagem abre espaço para pensar em mulheres no plural, respeitando e compreendendo as diversas alternativas ontológicas de ser mulher neste mundo. Essa perspectiva se alinha com as ideias de Elaine Showalter em *A crítica feminista no território selvagem*, onde ela propõe que a zona selvagem, ou o “espaço feminino”, deve ser um lugar de crítica, teoria e arte genuinamente centradas na mulher. O projeto comum desse espaço é trazer à tona o peso simbólico da consciência feminina, tornando visível o invisível e fazendo o silêncio falar. Assim, tanto Gudino quanto Showalter enfatizam a

importância de um espaço crítico que não apenas analisa, mas também celebra e transforma as experiências femininas, criando um ambiente onde as vozes das mulheres possam ressoar e se afirmar de maneira plural e diversificada.

3. Vozes do passado: a literatura como testemunho da história

A literatura, mesmo sendo ficcional, reflete as condições socioculturais de seu tempo e oferece uma leitura do presente através de suas obras. Peter Burke (1992) ressalta a importância das narrativas na escrita da História, buscando novas formas de narrar que se adequem às histórias a serem contadas, explorando diferentes perspectivas e mundos públicos e privados. Nesse contexto, o conto "Entre a Espada e a Rosa", de Marina Colasanti, pode ser considerado tanto uma fonte literária quanto histórica, pois aborda aspectos culturais e sociais relacionados à época em que a narrativa se desenrola. A obra proporciona uma compreensão sobre a mentalidade, os costumes e as relações sociais, revelando como a literatura pode iluminar realidades históricas através de personagens e tramas de ficção.

Ao analisar uma obra literária como fonte histórica, é crucial considerar o contexto em que foi escrita, os elementos ficcionais da narrativa e as intenções do autor. Marisa Lajolo, em *Literatura: leitores e leituras* (2001), questiona o que pode ser considerado literatura, argumentando que essa definição varia conforme a percepção individual e cultural. Lajolo defende que textos que não se enquadram nos padrões tradicionais da alta literatura, como poesias pessoais e romances populares, também são válidos. Essa diversidade na produção e circulação de obras literárias ressalta que a ideia de literatura pode variar de acordo com diferentes contextos e opiniões.

O conto de Colasanti se destaca por suas características literárias, como a linguagem criativa, a estilização e a construção de personagens e enredos. Além disso, a obra transcende tempo e espaço, levantando questões atemporais que continuam a ressoar com os leitores contemporâneos. Colasanti é admirada por sua excelência estética e pela habilidade de instigar reflexões sobre temas universais, como amor, dilemas internos e ética, utilizando metáforas e imagens poéticas que enriquecem a narrativa.

Antonio Candido, em *O Direito à Literatura*, destaca a relevância da literatura como um meio essencial de expressão e vivência da condição humana. Ele argumenta que a literatura é uma necessidade universal que atravessa todas as sociedades e culturas, atuando tanto no consciente

quanto no subconsciente. Candido enfatiza que, como construção de objetos autônomos, a literatura expressa emoções e visões de mundo, e sua organização é fundamental para o processo de humanização. Ele afirma: “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa” (CANDIDO, 2004, p. 177).

Nesse contexto, a análise da composição do conto é enriquecida pelo ensaio *A Filosofia da Composição*, publicado em 1846 pelo contista norte-americano Edgar Allan Poe. Poe (1999) defende que a criação literária não resulta de uma iluminação divina, mas sim de um trabalho metódico, realizado através da razão e do planejamento. Para ele, a criação deve ser feita passo a passo, considerando intenção, extensão e efeito. Sob a perspectiva de Candido, o poeta ou narrador, ao escolher suas palavras, constrói uma estrutura semelhante a tijolos em uma edificação. Assim, ao organizar a obra literária, o narrador propõe um modelo de coerência, gerado pela força da palavra estruturada. Essa palavra não apenas ordena a nossa mente, mas também molda nossa visão de mundo, sugerindo um modelo capaz de superar o caos.

Um exemplo disso pode ser encontrado na narrativa de uma princesa que, ao ser expulsa de casa, vê sua vida mergulhar em desordem. A autora, ao narrar essa experiência, organiza o caos vivido pela protagonista. Além disso, a literatura se revela um espaço aberto ao diálogo, como observa Marina Colasanti. Diante das dificuldades enfrentadas pela princesa em sua busca por sobrevivência e trabalho, a narrativa oferece um caminho para mudanças e transformações. O presente da liberdade, representado pelo cavalo; a força, simbolizada pela espada; e a proteção, evidenciada pela armadura, tornam-se elementos que possibilitam à princesa reconstruir sua vida. Assim, a palavra literária exerce um papel fundamental na organização do pensamento e na visão de mundo, sugerindo um modelo de superação do caos. É por essa razão que Candido considera a literatura um bem humanizador, capaz de promover profundas transformações na vida dos indivíduos.

A narrativa também exemplifica os conceitos de dialogismo e polifonia de Mikhail Bakhtin. A protagonista enfrenta conflitos internos, como a pressão social, o casamento arranjado, o papel da mulher na sociedade, refletindo vozes sociais e culturais que influenciam suas decisões. A interação entre os personagens traz múltiplas perspectivas sobre os acontecimentos, criando um espaço polifônico, a voz da princesa, do rei, da sociedade, todas se manifestam e se entrelaçam. O narrador

permite que essas vozes se manifestem de forma autônoma, enriquecendo a narrativa e convidando o leitor a contemplar as nuances da situação.

Dessa forma, o conto aborda temas universais e complexos, revelando que a literatura é um espaço de diálogo entre vozes diversas. Colasanti ilustra a natureza intersubjetiva da experiência humana, mostrando que as histórias são formadas por interações, conflitos e interpretações múltiplas. No geral, os teóricos reafirmam a importância da literatura como uma força transformadora e humanizadora da sociedade, destacando seu papel essencial no desenvolvimento humano e na luta contra injustiças.

4. *Entre a Espada e a Rosa*: a identidade feminina na obra de Marina Colasanti

No cenário apresentado no conto, a narrativa *Entre a Espada e a Rosa* explora de forma delicada e lírica a dinâmica de poder entre os gêneros, alinhando-se ao debate feminista e às estruturas patriarcais. A protagonista feminina desafia as imposições estabelecidas, almejando liberdade e independência em um mundo dominado pela autoridade masculina que o rei representa. A espada e a rosa - do ponto de vista morfológico e sintático - mencionadas no título da narrativa, são metáforas centrais que representam, por um lado, a força e, por outro, a delicadeza, refletindo a assertividade associada aos homens e a fragilidade ligada às mulheres. A espada simboliza a força, a agressividade, o controle, a luta, enquanto a rosa representa a delicadeza, a beleza e a fragilidade.

A dualidade entre esses símbolos ilustra a batalha da protagonista na conquista de seu espaço e voz, enfrentando as normas e expectativas impostas pelo patriarcado. Dessa maneira, *Entre a Espada e a Rosa* estabelece uma conversa profunda e poética sobre temas relacionados a gênero, autoridade e liberdade, destacando a relevância de desconstruir as bases impostas pelo patriarcado e promover a igualdade e a autonomia das mulheres, dado que é uma narrativa que explora temas como a opressão e a resistência.

A trama centra-se em uma princesa que reside em um castelo sob a autoridade de seu pai. A autora começa o conto instigando uma reflexão: “Qual é o momento certo para se casar, senão aquele que faz o coração dizer 'quero'? Contudo, é o pai quem decide essa hora” (COLASANTI, 1992, parte 1). O conto, desconstrói a ideia do conto de fadas de “Era uma vez...” e, desde o início, se abre ao embate entre o desejo pessoal da princesa e as expectativas familiares - a modo patriarcal diante da inviolabilidade da vontade do pai. Esse anseio por um casamento arranjado era comum na época, na Idade Média, quando as mulheres eram frequentemente tratadas como objetos de câmbio,

sendo negociadas em troca de dinheiro, terras e até soldados. A princesa rejeita sua nova realidade, de modo que chora copiosamente, suplicando a seu corpo e mente por uma saída. Ao despertar na manhã seguinte, percebe que uma barba ruiva brotou em seu rosto, e isso a leva a ser expulsa, ocasionando grande vergonha para todo o reino, [...]E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! (COLASANTI, 1992, parte 2). De acordo com o *Dicionário de símbolos* (2000), de Chevalier, na mitologia grega, a barba era símbolo de virilidade, força e coragem. As rainhas egípcias eram representadas com barba fazendo alusão ao rei.(p. 121). A princesa, em sua jornada, atravessa vilarejos e em busca de um trabalho, enfrenta o desafio de conseguir emprego como mulher, mas quem contrataria uma mulher de barba? Então, ela tenta buscar oportunidades consideradas masculinas, porém ninguém ofereceria um trabalho destinado a homens a alguém com o corpo de uma mulher. A cada tentativa de se livrar da barba, ela falha. Decidida, opta por vender suas joias em troca de uma couraça, um elmo e uma espada. Assim, montada em um cavalo,se transforma em um cavaleiro, deixando de ser identificada como homem ou mulher, o cavalo transcende sua função como meio de transporte, tornando-se um símbolo multifacetado que enriquece a narrativa e a personagem principal. Segundo Jean Chevalier, o cavalo representa liberdade e independência, força e poder, sexualidade e energia vital, além de simbolizar uma jornada interior de autoconhecimento. No contexto da obra, ele reflete a dualidade da protagonista, que ao se transformar em guerreira, busca uma identidade que desafia as expectativas sociais. O cavalo, portanto, é um elemento central que representa a superação de limites impostos pelo gênero e a busca por uma identidade autêntica, permitindo uma análise mais profunda da complexidade da personagem. Desse modo, a narrativa provoca reflexões sobre os padrões tradicionais de gênero e as limitações impostas às mulheres, apresentando a princesa como uma figura complexa e multifacetada que busca se libertar das normas patriarcais, almejando encontrar sua própria voz e identidade.

A princesa transformou-se em uma valente guerreira, e sua reputação foi crescendo, atraindo a curiosidade de muitos que desejavam desvendar sua verdadeira identidade. Sempre que as perguntas se intensificavam, ela sabia que era hora de partir, e assim seguia sozinha, erguendo de vez em quando a viseira, permitindo que o vento acariciasse sua barba ruiva. Um dia, chegou a um reino governado por um jovem rei, onde lhe ofereceu seus serviços e, com o tempo, conquistou a preferência entre os guerreiros. O rei começou a se apegar ao “amigo”, lutando contra a sensação

proibida que sentia por outro homem, e decidiu que só permaneceria no reino se mostrasse seu rosto. Mas como poderia ela revelar sua aparência com a barba? Mais uma vez, em seu quarto, a princesa se deixou levar pela tristeza e implorou ao seu corpo por uma solução e dessa vez sua mente ordenou. Ela clamava por forças para continuar, para seguir com confiança. Ao acordar sentiu algo diferente, quando refletiu a sua imagem, a barba havia sumido, mas em seu lugar havia rubras rosas rodeando seu queixo, ainda sim não adiantava trocar a barba pelas as rosas e mais um dia não ousou sair do seu quarto, no outro dia percebeu que as rosas murcharam e se despetalaram deixando aparecer o seu rosto delicado de mulher. A princesa percebeu que a resposta estava dentro dela o tempo todo, encontrou forças para seguir em frente, a coragem para enfrentar os seus desafios e a serenidade para aceitar o que não podia mudar. Decidiu ser a heroína de sua própria vida enfrentando os obstáculos, saiu de dentro do quarto mais confiante e pronta para enfrentar o mundo com sua força e determinação. “A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.”(COLASANTI, 1992, parte 3).

O fragmento mostra uma situação repleta de simbolismo e emoção, focada na personagem da princesa. Ao soltar os cabelos, ela abandona uma imagem de vulnerabilidade e adota uma postura de liberdade e autoridade. O traje vermelho-sangue remete a temas como paixão, renúncia e rebeldia. A cauda de veludo que desliza pelo chão representa sua nobreza, porém também representa o peso das expectativas que a cercam. Ao descer as escadas rumo ao Rei, a princesa se prepara para um instante crucial que pode ser um reencontro com seu destino ou uma provocação à autoridade. O aroma de rosas que permeia o castelo adiciona uma dimensão sensorial à cena, relacionando a beleza e a delicadeza da existência. Este momento espelha a complexidade da vida da princesa: simultaneamente bela e frágil, ela está inserida em um cenário que é encantador, mas também ameaçador. Assim, a cena vai além de uma simples descrição, revelando os conflitos internos e externos que a personagem enfrenta, sugerindo que sua jornada a levará a transformações significativas.

Nesse sentido, a imersão no conto nos convida a refletir sobre o papel da literatura na construção da identidade e na transformação da sociedade. É por meio da ficção que podemos explorar diferentes perspectivas e transformar nossas mentes nos tornando leitores críticos. Escrever, já foi dito infinitas vezes, é assumir todas as formas, é ser homem e ser mulher, é ser animal e pedra. O escritor, como o deus marinho Proteu, é criatura cambiante. (...) E o que sinto em mim, quando

diante do computador busco a essência do homem, a essência profunda do animal e da pedra, que me permitirá escrevê-los, o que sinto, intensamente, é que eu a procuro dentro de mim, através de mim, através da minha própria, mais profunda essência. E que essa é, antes de mais nada, uma essência de mulher. (COLASANTI, 1997, p. 42)

Conclusão

Entre a espada e a rosa questiona as normas de gênero e a busca da própria identidade. A jornada da princesa na tentativa de autonomia e liberdade ecoa nos anseios de mulheres de todas as épocas e nos mostra a importância de ser fiéis a nós mesmas, apesar das adversidades. Ao desafiar os papéis tradicionais, a obra nos inspira a construir um mundo justo entre todos. Afinal, quem somos para definir os limites do feminino e do masculino? A atemporalidade do conto nos mostra como essas questões continuam relevantes na atualidade servindo como um espelho para as lutas femininas e inspirando novas gerações, podendo ser lidas e interpretadas de diferentes maneiras e em diferentes contextos. Ao ressignificar os contos de fadas, Colasanti nos oferece ferramentas para enfrentar os desafios do presente e construir um futuro diferente.

O conto é apenas um exemplo da rica produção literária que busca desconstruir os estereótipos e oferecer novas possibilidades para as mulheres. Ao explorar a complexidade da identidade feminina, a obra de Colasanti continua a desvendar os mistérios da alma humana. Que outras histórias ainda podem ser contadas? Destaca-se também a importância de Marina Colasanti para a literatura brasileira que teve um papel fundamental, especialmente por abordar questões relacionadas ao feminismo em suas obras. Sua escrita sensível e engajada traz à tona temas como a emancipação das mulheres, a luta por igualdade e a desconstrução de padrões impostos pela sociedade. Seus personagens femininos são fortes, resilientes, independentes e lutam pelos seus direitos inspirando leitores a refletir sobre a posição da mulher na sociedade. Em um cenário literário marcado pela desigualdade, Colasanti se destaca como uma voz importante e inspiradora para as mulheres e para todos aqueles que desejam um mundo igualitário.

Através de sua escrita sensível e poética, Marina Colasanti nos convida a uma profunda reflexão sobre a condição feminina. Em *Entre a Espada e a Rosa*, a autora utiliza a literatura como ferramenta para questionar os papéis de gênero e promover uma mudança social significativa, inspirando-nos a buscar um mundo mais justo e equitativo.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de texto: volume único/** Maria Luiza Abaurre, Marcela Nogueira Pontara, Tatiana Fadel. – 2. Ed. – São Paulo: Moderna, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOURDIEU, Pierre Félix. A dominação masculina. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.
- BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- BRAIT, Elizabeth. Bakhtin, **dialogismo e construção do sentido**. 1997.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 4ª ed. São Paulo, 2004
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva, et al. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000
- COLASANTI, Marina. **Por que nos perguntam se existimos**. In: SHARPE, Peggy (Org.). Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997. p. 33-42.
- COLASANTI, Marina. **Entre a espada e a rosa**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992.
- DE BEAUVOIR, Simone. **Para uma moral da ambiguidade**. Leya, 2023.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. Vol. 1. Claridade, 2018.
- GROSZ, Elizabeth. **Corpos reconfigurados**. **cadernos pagu**, n. 14, p. 45-86, 2000.
- GUDINO, Mariana Elizabeth Ceris Burtett et al. **Era Uma Vez... Figurações do Arquétipo da Princesa e do Pater Familias** em contos de Marina Colasanti. 2024.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.
- MARTINS, Giovana Maria Carvalho. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. 2015.
- MIGUEL, Maria Aparecida de Fátima; MARSON, Izabel Cristina; ZORZATO, Lucila. ENTRE A ESPADA E A ROSA, **REVISITAÇÃO E TRANSGRESSÃO DOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS SOB A PERSPECTIVA DE MARINA COLASANTI**. In: Anais do Simpósio

Internacional Língua(gem) Ação e Reflexão e Seminário de Pesquisas em Letras: (multi) letramentos - Unimontes. Anais...Montes Claros(MG) UNIMONTES, 2021. Disponível em:<https://www.even3.com.br/anais/SimInternacional/343772-ENTRE-A-ESPADA-E-A-ROSA-RE-VISITACAO-E-TRANSGRESSAO-DOS-CONTOS-DE-FADAS-TRADICONAIS-SOB-A-PERSPECTIVA-DE-MARINA-C>. Acesso em: 20/10/2024

POE, Edgar Allan. **Poemas e ensaios**. Globo Livros, 1999.

SANTOS, Fernando Antonio Fragoso dos. **Quando o discurso revela o lugar de quem fala em Sojourner Truth," Não sou eu uma mulher?"**. 2014.

SOUZA, Cinthia Freitas de. **Entre espelhos e unicórnios [manuscrito]: representações femininas em contos de resistência de Marina Colasanti** / Cinthia Freitas de Souza. – Montes Claros, 2016.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 23-57, 1994.

Conto: Entre a espada e a rosa - Marina Colasanti**Parte 1**

Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do Norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria buscá-la. De volta ao quarto, a Princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Embotada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, à sua mente, que lhe fizesse achar uma solução para escapar da decisão do pai. Afinal, esgotada, adormeceu. E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou.[...]

Parte 2

[...]E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido. Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta. Podia vir o noivo buscá-la. Podia vir com seus soldados, suas ovelhas e suas moedas. Mas, quando a visse, não mais a quereria. Nem ele nem qualquer outro escolhido pelo Rei. Salva a filha, perdia-se porém a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente.

A Princesa fez uma trouxa pequena com suas jóias, escolheu um vestido de veludo cor de sangue. E, sem despedidas, atravessou a ponte levadiça, passando para o outro lado do fosso. Atrás ficava tudo o que havia sido seu, adiante estava aquilo que não conhecia. Na primeira aldeia aonde chegou, depois de muito caminhar, ofereceu-se de casa em casa para fazer serviços de mulher. Porém ninguém quis aceitá-la porque, com aquela barba, parecia-lhes evidente que fosse homem. Na segunda aldeia, esperando ter mais sorte, ofereceu-se para fazer serviços de homem. E novamente ninguém quis aceitá-la porque, com aquele corpo, tinha certeza de que era mulher.

Cansada mas ainda esperançosa, ao ver de longe as casas da terceira aldeia, a Princesa pediu uma faca emprestada a um pastor, e raspou a barba. Porém, antes mesmo de chegar, a barba havia crescido outra vez, mais cacheada, brilhante e rubra do que antes. Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas jóias para um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o para um mercador, em troca de um cavalo. Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro. E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome. Pouco se demorava em cada lugar. Lutava cumprindo seu trato e seu dever, batia-se com lealdade pelo Senhor. Porém suas vitórias atraíam os olhares da corte, e cedo os murmúrios começavam a percorrer os corredores. Quem era aquele cavaleiro, ousado e gentil, que nunca tirava os trajes de batalha? Por que não participava das festas, nem cantava para as damas? Quando as perguntas se faziam em voz alta, ela sabia que era chegada a hora de partir. E ao amanhecer montava seu cavalo, deixava o castelo, sem romper o mistério com que havia chegado.

Somente sozinha, cavalgando no campo, ousava levantar a viseira para que o vento lhe refrescasse o rosto acariciando os cachos rubros. Mas tornava a baixá-la, tão logo via tremular na distância as bandeiras de algum torreão. Assim, de castelo em castelo, havia chegado aquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava. Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros. Era a seu lado que a queria nas batalhas, era ela que chamava para os exercícios na sala de armas, era ela sua companhia preferida, seu melhor conselheiro. Com o tempo, mais de uma vez, um havia salvo a vida do outro. E parecia natural, como o fluir dos dias, que suas vidas transcorresse juntas. Companheiro nas lutas e nas caçadas, inquietava-se porém o Rei vendo que seu amigo mais fiel jamais tirava o elmo. E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem sente por um homem. Pois não podia saber que à noite, trancado o quarto, a princesa encostava seu escudo na parede, vestia o vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos, e diante do seu reflexo no metal polido, suspirava longamente pensando nele. Muitos dias se passaram em que, tentando fugir do que sentia, o Rei evitava vê-la. E outros tantos em que, percebendo que isso não a afastava da sua

lembrança, mandava chamá-la, para arrepender-se em seguida e pedia-lhe que se fosse. Por fim, como nada disso acalmasse seu tormento, ordenou que viesse ter com ele. E, em voz áspera, lhe disse que há muito tempo tolerava ter a seu lado um cavaleiro de rosto sempre encoberto. Mas que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás do ferro. Tirasse o elmo, mostrasse o rosto. Ou teria cinco dias para deixar o castelo. Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a queria como guerreiro, com seu corpo de mulher. Chorou todas as lágrimas que ainda tinha para chorar. Dobrada sobre si mesma, aos soluços, implorou ao seu corpo que lhe desse uma solução. Afinal, esgotada, adormeceu. E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou.[...]

Parte 3

[...] E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! Aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo. Naquele dia não ousou sair do quarto, para não ser denunciada pelo perfume, tão intenso, que ela própria sentia-se embriagar de primavera. E perguntava-se de que adiantava ter trocado a barba por flores, quando, olhando no escudo com atenção, pareceu-lhe que algumas rosas perdiam o viço vermelho, fazendo-se mais escuras que o vinho. De fato, ao amanhecer, havia pétalas no seu travesseiro. Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher. Era chegado o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.